

**CSA: Comunidade que Sustenta Agricultura, uma experiência em São Carlos.**

*CSA: Community Supported Agriculture, an experience in São Carlos.*

TORUNSKY, Flavia<sup>1</sup>; FERREIRA NETO, Djalma Nery<sup>2</sup>; AMORIM, Joana Ortega de Lima<sup>3</sup>

1 Associação Veracidade, [flavia@veracidade.eco.br](mailto:flavia@veracidade.eco.br); 2 PPGI-EA CENA/USP – ESALQ, [djalma@veracidade.eco.br](mailto:djalma@veracidade.eco.br); 3 Associação Veracidade, [joana@veracidade.eco.br](mailto:joana@veracidade.eco.br)

**Resumo:** Neste relato de experiência será apresentada a CSA São Carlos, fundada em 2013 e que conta, em abril de 2015, com cerca de 50 membros consumidores e uma agricultora familiar local. Trata-se de uma forma inovadora na relação entre produtor e consumidor, onde os membros assumem todos os riscos e benefícios da produção agrícola. O objetivo deste relato, para além de compartilhar a jornada da criação desta nova proposta de economia associativa na cidade de São Carlos, é também apresentar as possibilidades e potenciais de transformação socioambiental deste modelo, tanto no campo das relações sociais, como na criação de novos formatos de grupos de consumo, onde uma base ética conduz a um comprometimento maior por parte de seus integrantes.

**Palavras-chave:** agricultura familiar; agroecologia; sustentabilidade; grupo de consumo; economia associativa

**Abstract:** In this experience report it will be presented the CSA São Carlos, founded in 2013 and which has, in April 2015, about 50 consumer members and a local family farmer. This is an innovative way in the relationship between producer and consumer, where members assume all risks and benefits of agricultural production. The aim of this report, in addition to sharing the journey of creating this new proposal of associative economy in the city of São Carlos, is also to show the possibilities and potential of social and environmental transformation of this model, both in the field of social relations, as in the creation of new formats of consumer groups, where an ethical framework leads to greater commitment from its members.

**Keywords:** family farming; agroecology; associative economy; sustainability; consumer group.

## **Contexto**

CSA é uma sigla proveniente do inglês “*Community Supported Agriculture*” que, traduzida ao português, ficou conhecida como “Comunidade que Sustenta a Agricultura”. Nascida em 1986, nos Estados Unidos, a partir da experiência de dois agricultores biodinâmicos europeus, as CSAs tem por objetivo mudar a relação entre produtor e consumidor, aproximando-os, de modo que os últimos tornem-se coprodutores, assumindo os riscos e benefícios da produção em conjunto com os



primeiros. Nas palavras de Robyn Van En “*produtores de alimentos + consumidores de alimentos + comprometimento anual um com outro = CSA e possibilidades incalculáveis*” . (HENDERSON & VAN EN, 2007, tradução nossa)

A proposta da CSA é produzir alimentos de qualidade para uma comunidade local que financia a produção deste agricultor desde o início, compartilhando em cotas mensais os custos inerentes ao processo. Desde a preparação do solo aos insumos utilizados, passando pelos gastos pessoais do agricultor, etc, todos os custos são apresentados e divididos pela comunidade. A base está na compreensão de que, quanto mais o agricultor tiver seus custos de produção cobertos, mais ele poderá dedicar-se ao campo, trazendo assim grande benefício tanto aos membros desta comunidade como à Terra, promovendo a saúde do solo e da biodiversidade local, trazendo benefícios ao meio ambiente como um todo e às pessoas.

### **Descrição da experiência**

A CSA em São Carlos nasceu em dezembro de 2013, dentro de um contexto privilegiado. Destacamos dois fatos de especial relevância: o primeiro é a existência de um projeto da APASC (Associação para Proteção Ambiental de São Carlos), que fornecia cestas de alimentos orgânicos aos associados em parceria com a prefeitura e a horta municipal (projeto que foi interrompido devido às descontinuidades na mudança de gestão do executivo, em 2012, tendo durado aproximadamente 8 anos); o segundo foi a fundação da Associação Veracidade (em 2012) e seu interesse em um projeto como este, que articulasse produtores e consumidores em prol da alimentação saudável e do comércio justo. Neste solo fértil, a proposta de criação de uma comunidade como a CSA rapidamente motivou muitos integrantes de ambas associações a iniciarem as primeiras articulações para a formação do grupo.

Richard Charity, participante da CSA Brasil, trouxe a proposta à Veracidade em meados de 2013 e, após algumas reuniões, organizaram uma apresentação com a realização de um evento no SESC de São Carlos, onde compareceram mais de 50



pessoas interessadas. No dia 14 de Dezembro deste mesmo ano, com a presença de Hermann Pohlmann (fundador da CSA Demétria em Botucatu), Wagner Santos (administrador das CSAs em Bauru, Botucatu e Ourinhos), membros de entidades ambientalistas locais e representantes da sociedade civil, foi fundada a CSA São Carlos, com dois agricultores familiares apoiados, 32 membros coprodutores e a Veracidade como administradora.

Inspirados nos princípios da Teikei, iniciativa similar que teve inicio no Japão na década de 70, foi elaborado pelo núcleo gestor da CSA São Carlos uma carta de princípios que contém os valores que regem o grupo. Entre estes vale destacar: responsabilidade de riscos e benefícios compartilhados; produção no modelo orgânico ou agroecológico; logística reversa de resíduos orgânicos; aceitação dos produtos da época; gestão democrática; preço justo; soberania alimentar e nutricional; etc. Todos os membros devem estar de acordo com os princípios estabelecidos nesta carta antes de aderirem a comunidade.

Na prática, os membros pagam uma cota mensal e retiram uma cesta de alimentos semanalmente com itens que variam entre folhosas, aromáticas, frutos, raízes e flores. Porém, não se trata de um simples grupo de consumo, pois os princípios que a regem levam seus membros a participarem cada vez mais com a produção e os produtores. A primeira instância à qual os membros são convidados a participar são as assembleias gerais, que ocorrem a cada 3 meses, e que são os espaços de tomada de decisão em todos os âmbitos, desde o valor das cotas ao dia de retirada, hora, local, investimentos na produção, resolução de problemas, entre outros. Estes espaços deliberativos proporcionam uma experiência coletiva de troca de saberes, desenvolvimento da escuta ativa, respeito à diversidade e novas formas de organização. Para além das assembleias, os membros são convidados a fazer parte das comissões de trabalho, onde aumentam seu comprometimento com o grupo. Hoje existem três comissões de trabalho ativas: comunicação e formação; financeiro e jurídico; e estrutura e melhorias no campo. Outro momento de aproximação são os dias de campo, onde os membros trabalham junto ao agricultor, em formato de

mutirões, fortalecendo a produção, estreitando os laços desta relação, aprendendo, trocando e cobrindo a demanda da mão de obra, escassa atualmente no meio rural.

Podemos elencar três grandes desafios no processo de formação desta comunidade. O primeiro desafio foi encontrar o orçamento total da produção. Grande parte dos agricultores familiares não possuem uma gestão detalhada de seus gastos, funcionando “sob demanda”, e uma das razões para isso é justamente a alta intensidade da demanda de trabalho no campo, onde acabam se dividindo em múltiplas funções devido a falta de mão de obra. Logo, planilhas de gestão tornam-se secundárias aos olhos dos mesmos. Com isso, a primeira cota mensal resultou em valor inferior ao valor real no campo, e vários reajustes foram feitos ao longo de um ano. Somente após este tempo é que a CSA em São Carlos começa a vislumbrar um orçamento adequado, e a cota teve um ajuste de R\$ 55,00 iniciais (com 6 itens) para R\$ 80,00 (com 7 itens na cesta). O segundo desafio, ainda atual, é a expansão da comunidade. Com 50 membros não é possível sustentar completamente um agricultor familiar. Após um ano e a decisão de afastamento por parte de uma das duas famílias produtoras, o grupo passou a apoiar somente uma família, aumentando a renda da mesma, com o horizonte de alcançar uma quantidade de membros coprodutores que demande mais agricultores fornecendo para comunidade. Por fim, um terceiro grande desafio é a participação dos membros: este é um ponto delicado já que o sucesso da CSA depende disso, e nem todas as pessoas se aproximam do grupo com este entendimento. O modelo de CSA propõe mudanças em uma estrutura já muito enraizada na sociedade, que vai desde a aceitação do que a terra está produzindo à compreensão da sazonalidade (retirando assim o poder de escolha); além da prática do pagamento antecipado e o contato com plantas alimentícias não convencionais (PANCs). Acima de tudo, os membros precisam se adaptar ao fato de que não sabem – e nem lhes deve importar – quanto custa um pé de alface, pois este agora não tem preço, e sim rosto.

## Resultados

Muito resta por fazer na superação dos desafios elencados e outros. Mas é possível dizer que a CSA São Carlos hoje apresenta inúmeros avanços e resultados: conta com quase 15 membros divididos nas diferentes comissões; possui uma planilha minuciosa dos gastos no campo; conta com voluntários que auxiliam na planificação do plantio, em transição para a biodinâmica; oferece palestras gratuitas em escolas, universidades e associações; e abriu 10 bolsas integrais para pessoas de baixa renda, onde o novo membro, ao invés de pagar o valor da cota em dinheiro, trabalha no campo uma vez por semana em troca do pagamento. Além disso, com quase 50 membros, a CSA em São Carlos proporciona um volume de recursos mensais de aproximadamente 4 mil reais, investidos diretamente na produção agroecológica e na agricultura familiar local.

**Referência Bibliográfica:**

HENDERSON, Elizabeth; VAN EN, Robyn. **Sharing the Harvest: A citizen's guide to Community Supported Agriculture.** 2007 , Chelsea Green Publishing Company, White River Junction, Vermont.